

Em 2013, a *Signótica* inaugurou uma seção temática em cada número com o intuito de convidar pesquisadoras e pesquisadores a submeterem suas reflexões sobre temas prementes nas áreas de Literatura e Linguística.

Este volume 25, n. 2 é composto por onze artigos que representam a variedade de estudos linguísticos brasileiros. Temas e abordagens variadas integram as pesquisas que aqui divulgam suas análises, resultados e reflexões críticas. Letramentos, aquisição de linguagem e cognição, interações orais e escritas, a história da Linguística Aplicada no Brasil, as categorias na Análise do Discurso, gêneros discursivos, formação de professoras/es, modos na escrita e variação verbal: uma lista que constitui a amplitude dos estudos da linguagem no Brasil. Da descrição ao ensino, da reflexão epistemológica à interação verbal, este volume é a mostra da diversidade e, por isso mesmo, de interesse de toda a comunidade científica na área.

Além dessa miscelânea, este número se abre com a Seção Temática “Fronteiras e Hibridizações entre Identidades e Línguas”.

APRESENTANDO A SEÇÃO TEMÁTICA

FRONTEIRAS E HIBRIDIZAÇÕES ENTRE IDENTIDADES E LÍNGUAS

É inegável que os estudos da linguagem precisam reconhecer o cenário linguístico atual complexo e imprevisível (BLOMMAERT, 2012). A noção de uma língua homogênea, falada em um espaço homogêneo por uma comunidade homogênea, mostrou sua fragilidade teórica e analítica há muito (PRATT, 1987; SILVERSTEIN, 1998). Uma vasta literatura contemporânea discute esse cenário e as novas perspectivas teóricas e analíticas que podem ajudar a compreendê-lo.¹

1 É mesmo difícil sermos justas ao escolher trabalhos para mencionar. Apenas para fins ilustrativos, podemos lembrar alguns trabalhos brasileiros, como Mello, Rees e Ferreira (2008), Paiva (2008), Silva (2011), Severo (2013), e alguns trabalhos estrangeiros, como

Em tempos de novos cenários sociolinguísticos complexos, a *Signótica* lançou o desafio de construir uma seção temática FRONTEIRAS E HIBRIDIZAÇÕES ENTRE IDENTIDADES E LÍNGUAS. A proposta era discutir as fronteiras entre línguas e práticas linguísticas diversas (em modalidades orais e escritas), tendo em vista as dinâmicas e complexidades das fronteiras entre línguas e o *continuum* linguístico em articulação com hibridizações locais e globais.

Os três artigos selecionados para a seção emprestam maior complexidade do que a própria proposta previa. Do rap indígena aos dilemas de ortografia do Papiamentu, passando por políticas linguísticas locais, o conjunto, ainda que sucinto, representa os amplos impactos dos novos cenários e das novas perspectivas teóricas e analíticas. Os problemas das fronteiras e das hibridizações entre identidades e línguas mostram seus interstícios em campos já consolidados, como a construção ortográfica e o ensino de línguas, e em campos novos, como os estudos das ideologias linguísticas.

Abrindo a seção, André Nascimento reflete sobre “fluxos e hibridismos socioculturais pretéritos e contemporâneos” ao analisar “a apropriação crítica de práticas comunicativas em português e de elementos da cultura Hip Hop por indígenas brasileiros”. Sua perspectiva crítica utiliza a produção mais recente sobre o Português no mundo contemporâneo (MOITA LOPES, 2013) para localizar o Hip Hop indígena em um “projeto mais amplo de reinvenção e reconstituição de línguas, práticas e ideologias linguísticas desde pontos de vista plurais e desde práticas performadas em contextos híbridos, instáveis, interculturais, que possam informar ética e epistemologicamente projetos de educação linguística na contemporaneidade pós-colonial em maior compasso com as vidas reais das pessoas indígenas no Brasil”.

Sua preocupação com a educação linguística coaduna com a proposta de Adriana Vecchia e Leticia Fraga, que procuram discutir as decisões e crenças em torno do ensino bilíngue no interior do Paraná. Sua discussão nos leva à conclusão de que “trabalhar língua portuguesa ou língua alemã não é apenas ensinar línguas, é também mexer na estrutura e nos tipos de contatos estabelecidos entre os falantes de línguas

Mufwene (2002), Jacquemet (2005), Makoni e Pennycook (2007), Heller (2008), Behares (2011).

diferentes, atuar sobre as crenças do outro, impor as suas crenças – e isso não acontece somente em Entre Rios (PR)”. As autoras discutem como as políticas linguísticas são locais e interagem com outros elementos locais, como a história de falantes e de línguas no local, as crenças e a idealização de homogeneizações linguísticas e as hibridizações identitárias.

Em um dilema da mesma natureza se encontram as decisões ortográficas híbridas do Papiamentu de Curaçao, como mostram Gabriel Araujo, Manuele Bandeira e Shirley Freitas em seu artigo. A hibridização cultural de Curaçao se mostra relevante para as flutuações de fronteiras entre as línguas locais, refletidas nas grafias variadas. Suas conclusões chamam “a atenção para as questões da grafia e a adaptação de empréstimos e múltiplas influências de outros sistemas linguísticos em ambientes multilíngues e abrindo o caminho para outras investigações sobre o tema”, confirmando a relevância as questões de identidade quando se trata de fronteiras e hibridizações entre línguas.

Esperamos que esta seção seja apenas mais uma amostra da importância e atualidade do tema. Boa leitura!

Joana Plaza Pinto

Organizadora da Seção
Coeditora de Estudos Linguísticos

REFERÊNCIAS

- BEHARES, Luis E. (Ed). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. Montevideo: Asociación de Universidades Grupo Montevideo, 2011.
- BLOMMAERT, Jan. Chronicles of complexity: ethnography, superdiversity, and linguistic landscapes. *Tilburg Papers in Culture Studies*, n. 29, abr. 2012.
- HELLER, Monica. Language and the nation-state: challenges to sociolinguistic theory and practice. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 504–524, 2008.
- JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, n. 25, p. 257-277, 2005.

- MAKONI, Sifree; PENNYCOOK, Alastair (Org.). *Disinventing and reconstituting languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.
- MELLO, Heloísa A. B.; REES, Dilys K.; FERREIRA, Maria Cristina F. D. (Org.). *Múltiplas Vozes: estudos interculturais, estudos de bilinguismo e estudos da sala de aula de língua estrangeira*. Goiânia: Editora da UFG, 2008.
- MUFWENE, Salikoko S. Colonisation, Globalisation, and the Future of Languages in the Twenty-first Century. *International Journal on Multicultural Societies (IJMS)*, v. 4, n. 2, p. 162-193, 2002.
- PAIVA, Claudia G. Brasil: nação monolíngue? In: CÂMARA DOS DEPUTADOS (Ed.). *Ensaio sobre impactos da Constituição Federal de 1988 na sociedade brasileira*. Brasília: Edições Câmara, 2008. p. 187-201.
- PRATT, Mary Louise. Linguistic utopias. In: FABB, Nigel et al (Ed.). *The linguistics of writing. Arguments between language and literature*. New York: Methuen, 1987. p. 48-66.
- SEVERO, Cristine Gorski. A diversidade linguística como questão de governo. *Calidoscópio*, v. 11, n. 2, p. 107-115, mai/ago. 2013.
- SILVA, Sidney S. (Org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- SILVERSTEIN, Michael. Contemporary transformations of local linguistic communities. *Annual Review of Anthropology*, v. 27, 1998. p. 401-426.